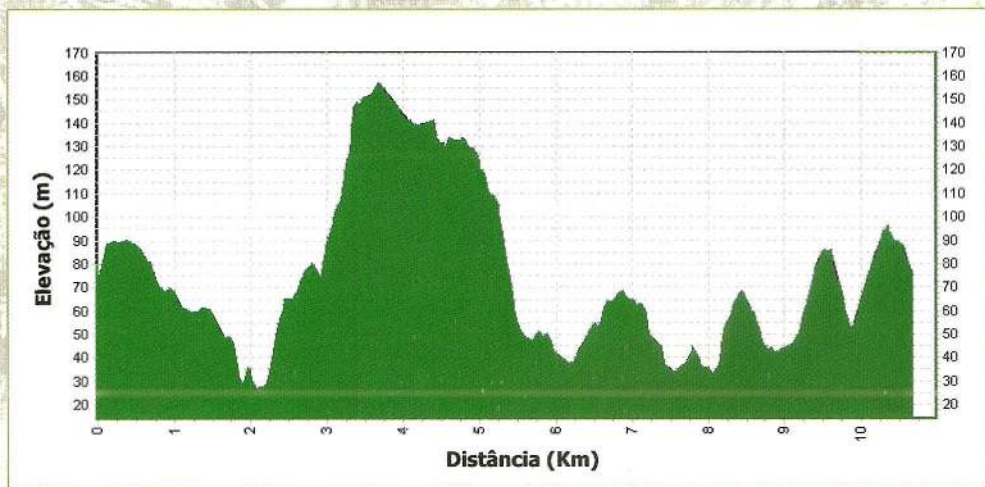


2 – A ROTA DO PÃO DE MAFRA

Mapa 2



Nível 1

- Distância: 10.670 metros
- Grau de dificuldade física: 3+
- Tipo de terreno: Realizado na quase totalidade em trilhos e caminhos rurais
- Ascensão total: 353 metros
- Ponto mais alto: 157 metros
- Ponto mais baixo: 27 metros
- Início: Mercado (Recinto da Feira) da Encarnação - 39° 01' 46,26 N; 9° 22' 06,53' W
- Fim: Mercado (Recinto da Feira) da Encarnação

Descrição do passeio

Este passeio pedestre desenrola-se na região do Pão Saloio, ou Pão de Mafra, com particular destaque para a freguesia da Encarnação, a mais setentrional do Concelho de Mafra.

Paisagem proeminentemente agrícola, inclui também zonas de paisagem variada, como matas e vales, e ainda magníficas praias, salientando-se a Calada.

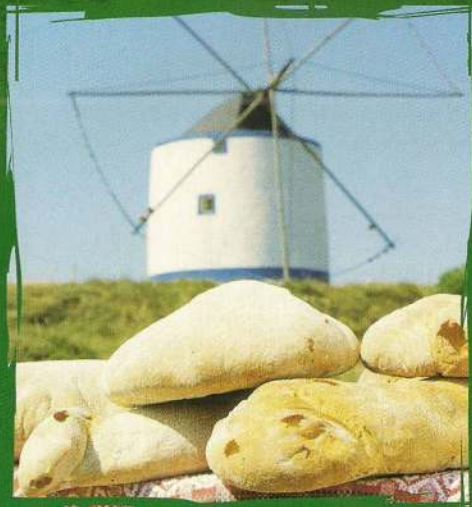
Um pouco de História...

“O Saloio, há cinquenta anos, como hoje, come de facto pão de milho e pão de toda a farinha e não de cevada...” (Paulo Freire)

O Pão Saloio

O pão saloio, cuja fama é, com efeito, remotíssima, ganharia a extraordinária proeminência que actualmente conserva em consequência de uma greve dos padeiros da região de Lisboa, na década de 60. A indústria do pão situa-se hoje principalmente no Barril, Carvalhal e Encarnação.

Eis a receita usada no antigo fabrico caseiro: a farinha de trigo moída no moinho do moleiro, é posta em seco num alguidar grande, juntando-se-lhe um pouco de água morna para desenfarinhar; amassa-se com as duas mãos, misturando fermento; após convenientemente amassada, deixa-se a massa repouzar no alguidar, cerca de duas horas, até estar lêveda (crescida); com o forno quente, fazem-se merendeiros ou pães que se põe a cozer, após dizer a seguinte oração no momento de enforar: “Deus te acrescente/ Para a broa da gente / Deus te dê a virtude / Que eu fiz o que pode / Em nome do Pai, do Filho/ e do Espírito Santo”. Consta por tradição que a Rainha D. Maria Pia terá embarcado para o exílio transportando consigo um pão saloio.



Locais de interesse



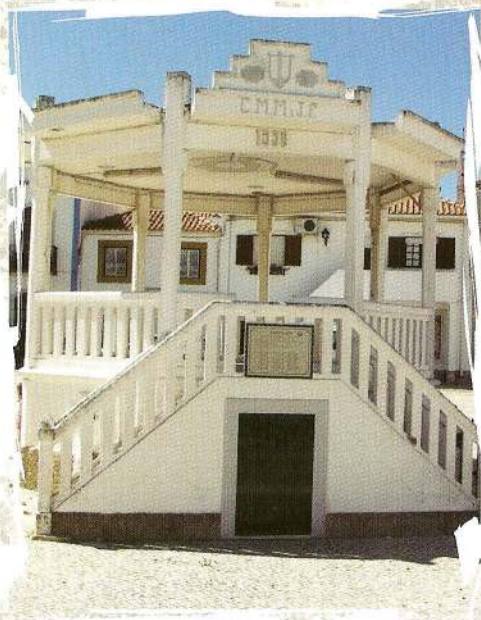
Capela de São Domingos de Fanga da Fé, situa-se a Sul da Encarnação, em São Domingos da Fanga da Fé

A igreja foi construída no século XVII e muito provavelmente remodelada no século XVIII, tendo ficado arruinada com o terramoto de 1755, o que levou à mudança das imagens escultóricas para a ermida de Nossa Senhora da Encarnação, actual igreja, durante a sua reconstrução.

Entre 1969 e 1970, a construção foi recuperada, tendo o imóvel recebido cobertura, foi rebocado e pintado; procedeu-se ao entaipamento do vão respeitante ao arco triunfal e à aposição da moldura da porta (talvez pertencente a uma porta lateral do templo).

Coreto da Encarnação (ponto 1 do mapa), Encarnação

Construído em 1938, apresenta planta octogonal simples, regular, formada por pódio com rodapé em pedra. Todos os panos, excepto o da frontaria, apresentam um respiradouro emoldurado com a Cruz de Cristo em relevo e protegido com uma Cruz de Avis em ferro no seu perímetro interior. A cobertura plana ostenta na fachada um frontão decorado com uma lira e as inscrições “CMM e JF” e “1938”. Nos restantes panos, a cobertura apresenta pequenas platibandas sem decoração. No interior, a cobertura surge decorada com relevos. Este é um dos poucos edifícios do Estado Novo que se encontra na sua integridade, respeitando os critérios de autenticidade.





Igreja de Nossa Senhora da Encarnação/ Antiga Lobagueira dos Lobatos (ponto 2 do mapa), (Imóvel de Interesse Público), Encarnação

A igreja de Nossa Senhora da Encarnação tem como origem uma ermida existente naquele sítio, dedicada a Santa Catarina, desde o século XVI. A ameaça de ruína levou a população a solicitar ao morgado D. Jorge de Figueiredo licença para a sua reconstrução, o que se inicia

no princípio do século XVII, vindo esta a prolongar-se durante décadas devido a dificuldades económicas. A partir de 1755 e em virtude do terramoto ter proporcionado a destruição da igreja de São Domingos da Fanga da Fé, as funções de paróquia passam para a capela de Nossa Senhora da Encarnação, as quais se mantêm até hoje, pois a sede original da paróquia nunca chegou a ser reconstruída. Em 1791, procede-se a uma campanha de obras que lhe conferiu o aspecto arquitectónico actual e que se traduziu na ampliação em altura do corpo da nave e na aposição de uma frontaria mais monumental, composta por galilé e torres sineiras. O equipamento artístico, nomeadamente talha, azulejaria, pintura mural e de cavalete, é fruto de várias campanhas ocorridas entre os séculos XVII e XVIII.

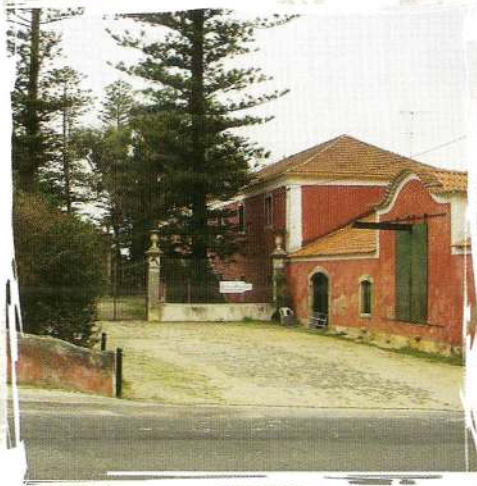
Em 1955, os proprietários, descendentes dos Lobatos, doam a igreja de Nossa Senhora da Encarnação ao Patriarcado. Nas últimas décadas, a igreja tem sido alvo de várias obras de conservação e restauro, sendo hoje um caso exemplar ao nível da preservação do património no Concelho.

Capela de Santo António (ponto 3 do mapa), Picanceira, Santo Isidoro

Construída no século XVII sofre ruína com o terramoto de 1755. Em 1758 a capela já se encontrava a ser reconstruída, noutra sítio (o actual) com aproveitamento de materiais da anterior. Em 2002, as obras levadas a cabo pela Comissão Fabriqueira colocaram à vista as pinturas originais da estrutura retabular.



O interior apresenta nave única com cobertura em tecto pintado de madeira e panos de muro animados por pintura decorativa de marmoreados.



Quinta dos Machados ou da Picanceira (ponto 4 do mapa), Picanceira, Santo Isidoro

No testamento de Aldonça Anes, mulher de Giral Picanço, de 1330, há notícia da Quinta da Picanceira. No século XIX, constrói-se o actual complexo edificado da quinta, a mando de Domingos Dias Machado, oriundo dos Açores. Na primeira metade do século XX, a Quinta dos Machados é uma das mais importantes explorações agrícolas do Concelho de Mafra, graças à modernização da agricultura nas suas terras, incentivada pelo proprietário de então.

O conjunto da quinta inclui diversos edifícios como a casa de habitação, pombal, “casa de brinquedos”, edifícios utilitários, nomeadamente para albergar maquinaria e produção agrícola, lagar, adegas e outros edifícios de carácter utilitário.

Quinta de Santo António (ponto 5 do mapa), Picanceira, Santo Isidoro

Quinta do século XVIII. Na primeira metade do século XX, construiu-se outra casa de habitação, para nascente do conjunto inicial. Composta por casa de habitação e edifícios utilitários, alinhadas ao longo da estrada e inseridas na continuidade do muro de delimitação da propriedade.

Ainda inserida no espaço da Quinta de Santo António, surge outra casa de habitação, mais recente, com alpendre de duas águas que protege a porta principal. Na fachada, por cima do vão que se rasga no corpo avançado, surge registo de azulejos com representação de Santo António com o Menino.





Bairro dos Ilhéus (ponto 6 do mapa),
Picanceira, Santo Isidoro

O conjunto arquitectónico, inserido no núcleo urbano histórico, encontra-se implantado em encosta virada a sudoeste. Insere-se na chamada arquitectura popular, constituindo exemplar único no país. De valor arquitectónico, tendo como inspiração modelos da arquitectura de operariado e soluções ao nível planimétrico, de elevação e de organização espaço-funcional da arquitectura tradicional açoriana.



Construído no último quartel do séc. XIX a mando e a expensas de Domingos Dias Machado, proprietário da Quinta dos Machados, para albergar famílias açorianas que vieram para o continente trabalhar na dita quinta, como assalariados. Em 2002 o conjunto, de modo geral, permanecia intacto e dentro dos critérios aceitáveis de autenticidade.

O conjunto é formado por vários blocos de módulos habitacionais, de dois, três ou quatro fogos (perfazendo no total vinte e três casas). Surgem duas tipologias: o alçado posterior, virado para a estrada nacional, é enriquecido pela volumetria espectacular dos fornos, à qual se alia a verticalidade das chaminés, e pelos vãos de janela no 1.º piso e de porta no rés-do-chão, alinhados.